



VII Congresso Português de Sociologia – Sociedade, Crise e Reconfigurações

Faculdade de Letras | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto

19 – 22 Junho 2012

PAP 0239 – A Fronteira do Guadiana: Porta do Céu ou Portão do Inferno?

A Experiência dos Refugiados Espanhóis da Guerra Civil de Espanha (1936 | 1939)

Joaquim Mealha da Silva

Mestre em Sociologia – Especialização Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

ACTAE – NICPRI .UÉ, Universidade de Évora e INUAF- Instituto Superior D. Afonso III, Loulé

email: j_mealha@yahoo.com.br

Introdução

Recuperar a memória para dar sentido ao futuro é uma atitude que deve ser assumida por todos, como garantia de coesão social.

A solidariedade entre as comunidades raianas no período em causa ficou bem patente, sendo alvo de frequentes iniciativas que visam preservar a história e o passado coletivo.

Esta investigação, em curso, visa aprofundar o conhecimento sobre temáticas como as migrações forçadas e traumáticas impostas pela fuga à guerra e a criação, manutenção e utilização de laços sociais transfronteiriços, à revelia dos Estados, pelas populações raianas, que “manuseiam” as redes sociais fronteiriças consoante as possibilidades e de acordo com os seus próprios interesses. A investigação constituirá o núcleo central da tese de doutoramento em Sociologia do seu autor, a decorrer na Universidade de Évora até 2013.

As migrações forçadas como campo específico de estudo da Sociologia das Migrações (e o seu carácter de fenómeno social transnacional) têm sido negligenciadas em benefício de outros tipos de migração. Os refugiados espanhóis “entraram em casa” das populações raianas, procurando fugir à guerra e salvar a vida, rompendo a inteligibilidade social e as constelações de poder visíveis até então na vida quotidiana. Face à urgência decorrente do inevitável desaparecimento próximo das testemunhas ainda sobreviventes, torna-se necessária a recolha dos seus testemunhos para construir uma perspetiva equilibrada e sustentável de preservação da memória destas comunidades raianas, desempenhando a Sociologia um papel fundamental ao não deixar branquear atitudes do passado, antes questionando constantemente e procurando analisar e aprofundar os laços sociais existentes entre estas comunidades vizinhas.

Objetivos

• Compreender o impacto causado nas comunidades raianas do Guadiana (de Ficalho a Vila Real de Santo António) pelo afluxo forçado de refugiados espanhóis fugindo à Guerra Civil de Espanha.

• Analisar a forma como as comunidades raianas do Guadiana conviveram com a realidade de Guerra, evidenciando a dinâmica da fronteira e o papel identitário da vivência na raia (cultura de fronteira, normas comuns).

• Analisar as especificidades das redes sociais transfronteiriças existentes e exploradas durante o período em investigação (1936 / 1939).

• Conhecer a forma como este facto social é rememorado hoje e qual o seu valor simbólico, traumático ou não, nos processos de construção da memória e identidade coletiva das comunidades fronteiriças, analisando a oposição memória vs. amnésia, a integração ou exclusão dos refugiados, o seu retorno (ou não retorno) às zonas de origem.

Método

A perspetiva metodológica a adotar é de cariz qualitativo, numa acessão descritiva mas igualmente interpretativa, cruzando pesquisas documentais e bibliográficas, exaustivas tanto quanto possível, com entrevistas biográficas semiestruturadas profundas a informantes chave, procurando-se realçar as relações complexas, os sentimentos de pertença e de identidade, a contestação e a oposição, que tornam notáveis as histórias de vida dos atores sociais desse período.

Procurar-se-á enfatizar a compreensão da singularidade e a contextualidade de factos e eventos. A “gente da fronteira” é diferente da população geral dos países, justificando-se uma análise macro (Portugal e Espanha) que será complementada por uma análise micro, da raia (Alentejo, Algarve e província de Huelva). Importa assegurar um equilíbrio entre uma visão geral e uma visão particular. Não se pretende criar ou produzir uma nova visão absoluta do quotidiano desse período, mas sim apresentar informação e dados objetivos, fundamentados, que contribuam para a desmistificação de certos episódios e instituições de um passado recente, tendo sempre em linha de conta de que só é possível emitir juízos sobre acontecimentos passados se forem devidamente acautelados o lugar e o tempo em que estes ocorreram.

A base teórica da investigação irá articular a ligação existente entre a Sociologia e a História na análise de uma temática como esta, perspetivando-se a pesquisa no campo da Sociologia das Migrações e, mais especificamente, nas Migrações Forçadas.

Como fontes primárias, testemunhais, serão efetuadas entrevistas a antigos refugiados espanhóis sobreviventes, a portugueses testemunhas e intervenientes no processo em análise, assim como a familiares diretos no caso de falecidos. No respeitante a fontes manuscritas, e ainda no capítulo das fontes primárias: Arquivo Histórico Militar, Arquivo PIDE / DGS – Torre do Tombo, Arquivo Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Arquivos Consulares (consulados portugueses na Andaluzia e consulados espanhóis no nosso país, nomeadamente no Algarve), Arquivo Distrital de Faro e Arquivos Municipais / Centros de Documentação de diversos concelhos algarvios, arquivos de empresas ou particulares que de alguma forma tenham registado contatos com refugiados espanhóis no período em investigação.

Como fontes impressas, secundárias, integradas na bibliografia, recorrer-se-á a publicações de autores portugueses e estrangeiros, sob a forma de livros e artigos publicados em revistas científicas.

As fontes iconográficas consultadas serão constituídas por impressos, fotografias e outros objetos pertencentes a acervos públicos ou a coleções e arquivos particulares. De salientar, igualmente, a contribuição significativa de Monografias Provinciales que têm vindo a ser regularmente editadas e que se debruçam sobre comunidades da zona fronteiriça (casos de Cáceres, Huelva, Badajoz, Almedro).

Resultados Esperados

Partindo de disposições historicamente elaboradas que contribuem para um levantamento sociológico no presente, analisamos, no seu conjunto, os movimentos migratórios forçados feitos através da raia do Guadiana pelos refugiados espanhóis em fuga à Guerra Civil de Espanha. Serão identificadas algumas estratégias usadas por estes atores sociais na interação complexa com as comunidades portuguesas de acolhimento. Serão conhecidas e preservadas muitas pequenas histórias do quotidiano das populações raianas, através do “rebuscar” nas suas memórias.

Realizaremos uma aproximação ao mundo da vida quotidiana, ao encontro das pessoas simples, não extraordinárias, pois foram elas que, em última análise, estiveram em causa nos acontecimentos, na tragédia. Será conhecido o trabalho destes atores, quem desempenhou atividades notáveis na raia, como se processou a integração ou exclusão dos refugiados.

As redes de solidariedade e as cumplicidades ficarão referenciadas, assim como serão conhecidas as formas como foi prestada a ajuda ou como surgiu a denúncia.

Será apresentada a forma como a Guerra Civil de Espanha transformou a fronteira e a sua cultura, a vida dos portugueses e dos espanhóis que aí viviam e seus descendentes.

Reuniremos informação sobre os contextos sociais, políticos e económicos de Portugal e Espanha à época, e de que forma o conflito na sociedade espanhola potenciou a passagem da fronteira para o nosso país, onde o contexto existente era mais favorável.

Será percecionada a realidade existente em três cenários:
- o das “devoluções” de refugiados a Espanha, para zonas republicanas;
- o das “entregas” de refugiados aos revoltosos franquistas;
- o da resposta das redes sociais de ambos os lados da fronteira (existentes ou criadas na altura).

Regista-se a existência de um maior número de investigações sobre os fluxos migratórios forçados de refugiados espanhóis para França, México e América do Sul. Contudo, os fluxos ocorridos para Portugal, iniciados até antes do eclodir do conflito e incrementados na fase inicial das hostilidades, decisiva para ambos os lados, tiveram consequências no desenrolar posterior da Guerra. A persistência de ações de guerrilha nas zonas fronteiriças até à década de 50 do século XX demonstra como as redes de solidariedade raiana funcionaram até bastante depois do fim da Guerra (1939).

O alargamento da investigação de Ficalho até Vila Real de Santo António procurou “fechar” o perímetro fronteiriço, evidenciando-se o facto de que algumas das ações iniciais que tão decisivas foram para a evolução do conflito tiveram início em Sevilha e em Huelva, em Julho e Agosto de 1936, partindo daí as colunas de sublevados que, rumando a norte, junto à fronteira do Guadiana, ocasionaram o primeiro fluxo significativo de refugiados espanhóis para Portugal.